

Artigo Relato de Experiência

Fototerapia – um processo arteterapêutico pelo mundo das imagens

Phototherapy – an art therapeutic process in the world of images

Maria Cecilia Branco de Souza Leite²

Resumo

A Arteterapia, assim como as demais abordagens da saúde, acompanha as mudanças histórico-culturais e se utiliza de métodos contemporâneos para o aperfeiçoamento de seu trabalho. Freud entendeu as imagens dos sonhos como um importante mecanismo de acesso ao mundo do inconsciente e caminho da cura de sintomas psíquicos. Hoje, as imagens fotográficas povoam nossa cultura e foram incluídas e conceituadas como uma nova ferramenta para os trabalhos emocionais/afetivos por Judy Weiser (1999), segundo a técnica da Fototerapia. A fotografia é um meio de influência, comunicação e transformação social, cada vez mais relevante no espaço terapêutico, o qual incorpora as possibilidades epistemológicas que a fotografia pode trazer. A pesquisa de Fototerapia aqui apresentada, no modelo proposto em *Álbum de Família*, atesta que arquivos da memória podem ser a via expressiva de histórias pessoais e lembranças, de tantos *desarranjos* e de novos arranjos subjetivos, a partir dos quais as histórias individuais e familiares podem ser retomadas no presente, com novas roupagens. Nessa experiência observaram-se possibilidades e avanços subjetivos ³de todo um sistema familiar dos que foram, dos que aqui estão e daqueles que virão em uma rede familiar determinada. Observa-se que, no mundo das imagens fixas, somente

² Licenciatura em Artes Plásticas e Pedagogia, cursando Terapia Ocupacional. Especialista em Psicanálise, Arteterapia, Psicopedagogia e Tratamento/Escolarização de psicóticos e autistas. Contato: cibranco@hotmail.com

quando a verdade do sujeito pode ser questionada e revisitada por ele mesmo, essas mesmas imagens podem adquirir um promissor caráter de impermanência e flexibilidade, transformando muitos dos sofrimentos psíquicos e padrões rigorosos, desconhecidos pela consciência, em novos movimentos. Esse caminho é capaz de transformar, positivamente, os destinos dos sujeitos que se inserem nessa “viagem”.

Palavras-chaves: Fototerapia. Arteterapia. Psicanálise. Fotografia. Art

Abstract

Art Therapy, as well as other health approaches, follows the changes and uses new and contemporary methods to improve its work. Freud understood the images of dreams as an important mechanism of access to the unconscious world as a path of psychic symptoms healing. Today, photographic images inhabit our culture and have been included and conceptualized as a new way to emotional/affective work by Judy Weiser. The author calls this technique “phototherapy”. Photography is a mean of influence, communication and social transformation that gains its greater importance in the therapeutic space, as it accepts and uses the epistemological possibilities that photography can give. The Phototherapy research presented here, in the model proposed in Family Album attests that memory files can be the expressive way of so many stories and memories, of many *dis-arrangement* and of the new subjective arrangements, where individual and family histories can be resumed in the present, with new appearance. In this experience, it was observed possibilities and subjective advances of a whole family system of those who were, those who are here and those who will come in a determined family network. In the world of still images, only when the individual’s truth can be questioned and revisited by themselves, is that these same images can acquire a promising feature of impermanence and flexibility,

transforming many of the psychic sufferings and rigorous standards, unknown by consciousness, in new movements. This path is capable of positively transforming the destinies of the individuals that are part of this "journey".

Palavras-chaves: Phototherapy. Art Therapy. Psychoanalysis. Photography. Arts.

Introdução

Mas o que é uma lembrança da qual não mais recordamos?

Mas o que é uma fotografia que nunca foi revelada?

Marcel Proust

As precursoras da Arteterapia, Margaret Naumburg e Edith Kramer, a partir da primeira metade do século XX, desenvolveram e conceituaram a abordagem de um modelo terapêutico por meio de atividades artísticas, fundando as primeiras experiências na área educacional e, seguidamente, na clínica. As técnicas de Arteterapia supunham, desde então, que todo indivíduo poderia projetar simbolicamente, nas diversas formas plásticas, seus conflitos e afetos.

As descobertas de Freud (1900c), a partir do uso da associação-livre (a via régia para o acesso ao inconsciente na abordagem psicanalítica) e da publicação de *A Interpretação dos Sonhos*, em 1900, influenciaram forte e efetivamente o nascimento de uma terapia aplicada à arte, graças ao grande interesse de Naumburg e Kramer sobre as teorias desenvolvidas por Freud em relação ao inconsciente. Posteriormente, os estudos de Jung também enriqueceram a construção teórica da arteterapia, assim como fizeram outras importantes abordagens ao longo das últimas décadas.

As mudanças sociais e culturais da humanidade impulsionam novos movimentos, teorizações e conceitualizações terapêuticas relacionadas à saúde

pois, se os sujeitos se modificam, seus sintomas e as formas de se trabalhar com eles não podem, obviamente, se manter estagnadas. Assim nasceu a Psicanálise em Viena pelas mãos de Freud, e também a Arteterapia, nos EUA, pelas mãos de Naumburg, logo seguida por Kramer.

No mundo atual, digitalizado e globalizado através da internet e das redes sociais, pressupõe-se a necessidade de novos modelos de trabalho na área da saúde, incluindo-se aqui a arteterapia e suas novas formas de expressão:

O mal-estar é motivo da mesma denegação que antes dizia respeito à sexualidade[...] Porque as necessidades psíquicas são sempre as mesmas, porém, com suas proibições e ordens, cada momento da história fornece algumas possibilidades de reação e fecha outras, provocando, assim, as distintas descompensações que constituem os sintomas de cada época.

A arteterapia [...] oferece ao indivíduo a oportunidade de reatar o diálogo com seu corpo e seu entorno. As diversas modalidades da arte contemporânea, destacando as formas sensíveis de nossa relação com o mundo, oferecem aos arteterapeutas as chaves para compreender os obstáculos com os quais cada sujeito se confronta na busca de reconhecimento. (PAIN & JARREAU, 2009:47)

Cada dia mais usamos a fotografia das mais diversas formas, como meio de comunicação social. Portanto, é natural pensarmos a imagem fotográfica também como uma ferramenta arteterapêutica que possibilite a promoção da saúde psíquica, assim como ocorre com as demais linguagens artísticas.

Uma das pioneiras no trabalho terapêutico com fotos e vídeos, Judy Weiser (1999) constrói essa nova abordagem terapêutica, baseando-se na maneira como a maioria das pessoas *fotografa e arquiva* fotos, sem pensarem muito nas razões pelas quais elas o fazem. Como afirma a autora, esses são *arquivos permanentes* de momentos no tempo e podem ser usados, facilmente, na exploração e comunicação de sentimentos e memórias, inconscientemente

recalcadas, que podem vir à luz quando revisitadas através das imagens das fotografias.

Durante as sessões de arteterapia com fotos, esses retratos podem servir como autoconstruções psíquicas, possibilitando *insights*. “A própria foto não é em nada animada (eu não acredito nas fotos "vivas") mas ela me anima: é o que toda aventura produz” (BARTHES, 1984: 37).

O objetivo desta pesquisa foi trazer, à luz da memória fotográfica, afetos e emoções, representando-os através das imagens, narrativas, histórias, escrita livre, desenhos, pinturas e recortes. Ou seja, pretendeu-se fazer uso de recursos arteterapêuticos para resgatar e ressignificar a história pessoal de cada integrante participante dessa proposta.

No desenvolvimento do trabalho, foi possível embasá-lo também sob a perspectiva teórica lacaniana, a partir do conceito de *tempo lógico*, anteriormente formalizado por Freud (*Nachträglich*), em que o tempo do sujeito do inconsciente se apresenta como sendo da ordem do particular e atemporal, longe da cronologia tal qual a conhecemos. Em relação ao tempo inconsciente, Freud (1990a) diz:

Os processos do sistema inconsciente são intemporais; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo. A referência ao tempo vincula-se, mais uma vez, ao trabalho do sistema consciente (p.214).

Ao se resgatarem, via fotos, alguns sons, músicas, histórias passadas etc, abrem-se possibilidades de tornar conscientes histórias primitivas do sujeito ou mesmo reencontrar parte do que recalçou ou transformou em sintomas/repetições. Esse material subjetivo, que retorna através das lembranças

e memórias, abre a oportunidade para uma nova elaboração. E, como no sofisma lacaniano, pela modulação que consistiria nos três momentos de evidência: "o instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir" (LACAN, 1945: 197). As mesmas etapas podem ser equiparadas, no campo terapêutico, com fotografias.

Em resumo, o intuito do presente trabalho é demonstrar como foi possível trabalhar com fotografias, aliadas à fala, à escrita e a demais linguagens, como recursos e com finalidade arteterapêuticas.

Fundamentação

A origem da fotografia terapêutica está relacionada com a descoberta da fotografia. Estudos e pesquisas demonstram que o Dr. Hugh Welch Diamond, em 1840, foi o pioneiro no uso da fotografia em ambiente terapêutico. Esse primeiro uso da fotografia na terapia é quase contemporâneo à descoberta da própria fotografia (câmara escura), que se traduz como um dispositivo capaz de reproduzir a realidade como uma ferramenta de demonstração empírica.

A realidade produzida pela fotografia foi útil ao Dr. Diamond nos processos de diagnóstico, porém há, infelizmente, um grande vazio documental a partir dessa intervenção pioneira. Nos anos em que a fotografia terapêutica começa a surgir simultaneamente em diferentes partes do mundo (especialmente nos EUA e Reino Unido), a arteterapia já estava em fase de desenvolvimento importante, suficiente para ser usada inicialmente em Hospitais-Dia, consultórios particulares e escolas, resultando enorme influência sobre o que mais tarde seria chamado de *Fototerapia* (Lera, D.V. 2016).

A Arteterapia abriu, no início do século XX, o campo da criatividade em meio a uma diversidade de escolas e aplicações psicológicas. Autores como Kramer e Naumburg fundaram as bases dessa disciplina, tornando-a ponto de referência para uma nova maneira de entender a cura, tendo a linguagem artística como sua base.

Após as descobertas freudianas sobre os mecanismos do inconsciente e o acesso de Naumburg à obra freudiana, essa autora direcionou seus trabalhos para a **verbalização** e a **transferência**, por meio da comunicação simbólica, enquanto Kramer sustentou promover a **sublimação** através do trabalho criativo, também a partir da construção teórica de Freud sobre esse tema.

Essa distinção é de extrema importância, pois Naumburg se concentrou na psicanálise tradicional, revelando os conflitos inconscientes de seus pacientes. Já Kramer questionou a noção de terapia fundada na verbalização (a “cura pela fala”) e a transferência, em favor da sublimação pela arte, tomando assim, outra direção.

Essas duas formas de aplicação da arte como terapia são relevantes para a compreensão do que se busca como possibilidades para tais processos. É justamente pelo viés dessas abordagens que podemos compreender as diferenças entre as propostas arteterapêuticas e de arte-expressão, ou as propostas educacionais, por exemplo.

Muitas novas abordagens teóricas surgiram a partir dessas autoras. Estilos e métodos de aplicabilidades terapêuticas foram ampliadas via Psicologia Analítica, Gestalt, Fenomenológica, dentre outras. E entre as novas formas de se pensar as imagens no uso arteterapêutico, a Fototerapia surge como uma nova estratégia, baseada nos trabalhos de Judy Weiser.

Conforme Weiser (1999), as fotografias são capturadas da nossa mente, em uma espécie de espelho que reflete imagens de nossos afetos e memórias. As fotografias não só documentam lugares onde estivemos, mas também apontam o caminho para o qual estamos indo, quer saibamos ou não. Devemos “falar” com as fotos e muitas vezes prestar atenção nos segredos que suas histórias podem nos revelar. Na prática fototerapêutica de Weiser, a fotografia é retratada “como um verbo, bem como um nome, como um agente ativo de mudança, mas também como um objeto no qual se pode refletir; como uma comunicação emocional muito direta, mas também como uma arte” (WEISER, 1999: XV).

De acordo com Bosi (1998), em relação ao conceito de memória, é possível observar a caracterização e o funcionamento da evocação de temporalidades e lembranças nos vestígios sobreviventes do passado:

O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 1998: 17).

Uma fotografia, portanto, tem a propriedade especial de aparecer ao mesmo tempo como uma ilusão realista e como uma realidade ilusória; um momento/instante capturado e com efeitos a posteriori.

A fototerapia não é um método separado de outras linguagens, mas sim, um conjunto de técnicas interativas úteis para todos os praticantes, independentemente da sua formação teórica e técnica.

Segundo Weiser (1999), arteterapia e fototerapia estão relacionadas entre si, mesmo com diferenças nos resultados ou no processo, dado que são utilizadas em meios diferentes. Ambas trabalham na tentativa de dar uma

forma visual para os sentimentos e tornar visível o invisível, uma espécie de "tomar consciência, tomar ciência" (MARTIN SPENCER: 1988).

Retomando o desenvolvimento do método criado por Weiser (1999), as técnicas básicas usadas em fototerapia estão associadas com as possíveis relações entre o sujeito e a câmera ou o sujeito e a fotografia. Tais técnicas são: fotografias do próprio paciente; tiradas pelo paciente; do paciente (*selfies*); biográficas (grupos de amigos ou familiares), na qual o paciente pode estar incluído ou não.

Nessas técnicas, Weiser (1999) não inclui como mais um componente a “projeção”, pois, embora ela considere uma técnica, nesse caso específico se trata de uma relação entre a fotografia e o sujeito, no ambiente terapêutico. Projetar significados ou sentidos pessoais sobre as fotos é inerente ao próprio fato de se olhar para elas. As imagens ressignificadas podem facilitar a compreensão da história da vida de um sujeito, congelando o tempo e entrando em contato com afetos recalcados/reprimidos, até então distantes da racionalização (consciente).

Entre as cinco técnicas propostas por Weiser (1999), as fotografias na técnica de álbum de família constituem uma forma de autorretrato. A seleção das imagens, a sua organização, apresentação e, especialmente, a importância que possuem para o paciente podem fornecer muitos elementos e informações sobre suas experiências pessoais:

As técnicas envolvendo fotos de família são uma autoconstrução do paciente pela família particular, a partir das raízes, do meio e

sistemas interligados, de modelos relacionais, de mensagens enviadas e expectativas de nível racional... as técnicas que têm a ver com imagens autobiográficas e álbuns inteiros podem ser útil para examinar o autorretrato de uma perspectiva não oferecida por qualquer uma das técnicas acima mencionadas...” (WEISER,1999: 20).

Weiser (1999) menciona, no caso específico dessa técnica, que são “minas de ouro” de informações e possibilidades.

Ao trabalhar com as fotos familiares, os pacientes podem entender suas posições subjetivas através das verbalizações e visualizações na linha ascendente e descendente. Se os pacientes não têm um álbum real, ou lhe faltam fotos, estas podem ser substituídas através imagens existentes, imagens de colagens e equivalentes:

Não se deve dizer que o passado ilumina o presente ou que o presente ilumina o passado. Uma imagem, ao contrário, é onde o Antigo encontra o Agora em um raio para formar uma constelação... Porque, enquanto que a relação do presente com o passado é puramente temporal, contínua, a relação do Antigo com o Agora é presente e dialética: não é algo que se escoe, mas uma imagem descontínua. Somente as imagens dialéticas são imagens autênticas [...] e o lugar onde são encontradas é a linguagem (BENJAMIN, 2009: 504).

Todas as técnicas fototerapêuticas permitem que o paciente utilize a mesma premissa da psicanálise: ignorar a censura “falando tudo o que vier a cabeça” (associação-livre), possibilitando o surgimento da fala inconsciente metafórica e simbólica, ou como no trabalho dos sonhos – a condensação e deslocamento. Lacan (1979) teorizará mais tarde o inconsciente estruturado como linguagem, estabelecendo uma analogia entre o funcionamento dos processos inconscientes e o funcionamento de certos aspectos da linguagem:

Sua produção teórica [de Lacan] pode ser dividida em três períodos. No primeiro foi desenvolvido o registro do Imaginário, centrado na teoria do Estádio do Espelho. No segundo desenvolveu o registro

do Simbólico, quando formulou a tese do “inconsciente estruturado como linguagem” [...] Linguagem não é linguística. Isso quer dizer que a linguagem não está estruturada como oposição fonética ou morfomática. Linguagem é linguagem; existe até a linguagem das abelhas, existe a linguagem não-verbal. A linguagem se articula com a noção de Simbólico como decorrente do conceito de estrutura. Sob essa ótica, a linguagem é a condição do inconsciente. Esta tese é fundamental, e foi aí que Lacan se opôs a todos os outros que o seguiam até esse momento e defendiam o inconsciente como condição da linguagem (LEITE, 2010: 70).

O modelo de trabalho desenvolvido por Weiser (1999), pode se beneficiar da obra desenvolvida por Freud (1990c) em *A Interpretação dos Sonhos*, de 1900. Assim como uma fotografia, os sonhos são imagens que podem ser aliados importantes para a compreensão profunda da psique fornecendo, como em um trabalho arqueológico, a compreensão de sintomas e de suas possíveis saídas.

Metodologia

O método utilizado foi a criação de uma oficina (2018) baseada no trabalho desenvolvido por Weiser (1999): *Álbum de Família*. A oficina ocorreu semanalmente, no período de 3 meses. Participaram 2 mulheres de 64 e 63 anos (C. e G.) e um homem (J.) de 38 anos. Será destacado no presente trabalho, especificamente, o processo arteterapêutico da mulher designada como G.

Como parte dos recursos arteterapêuticos, utilizou-se “pausas para o café”, com o intuito de estimular uma troca mais íntima e afetiva entre os participantes, além de aguçar as lembranças afetivas familiares por meio dos sentidos do olfato e paladar. Outro recurso usado foi um vídeo especialmente criado para sensibilizar os participantes e, ao mesmo tempo, transportá-los para o mundo das imagens fotográficas, através de uma linha do tempo. A narrativa do vídeo falava sobre o tempo, sobre os retratos familiares e nossas identidades.

Trabalharam-se desenhos (autorretratos), colagens, pintura, mandalas, escrita, etc.

A proposta de uma escrita terapêutica seguiu as mesmas regras da associação livre proposta por Freud (1990b), sem juízos de valor, possibilitando assim escrever “o que viesse à cabeça”. A palavra escolhida por G, que definia sua identidade, foi “busca”.

Ao criar um auto retrato, o desenho de G. foi um gráfico (figura 1), com linhas de altos e baixos retratando fases de sua vida, onde as cores também tinham representatividade: a cor azul representa as fases positivas (picos), de sentimentos bons, de alegria; os vermelhos representava as fases ruins de sua vida (decepção); e os amarelos estavam condicionados aos momentos que ela denominou como “pausas” (sic.). O gráfico também era um esquema em que ela se retratava, desde a infância até a maturidade (sendo dividido em 4 fases).



Figura 1 – Autorretrato de G

Fonte: arquivo pessoal.

Em seu relato, G afirma ter passado por duas fases de depressão em sua vida: após o nascimento da primeira filha e, muitos anos mais tarde, após a separação do marido. G. assim escreveu sobre seu autorretrato:

1º fase infância: Alegria (azul) ; Pausa (amarelo); Decepção (vermelho)

2º fase adolescência: Alegria (azul); Pausa

3º fase adulto casamento (azul); Decepção (vermelho)

4º fase *maturidade azul; Pausa amarelo*

O que se mostrou relevante nesse encontro foi o autorretrato que G. produziu em formato de gráfico. É difícil encontrar referências à simbologia da própria identidade em forma de gráficos, porém, segundo Van Kolck (1967, p.7), é possível:

[...] encontrar nos estudos psicanalíticos a base para consideração do desenho como as próprias pessoas. Uma vez que a produção gráfica pertence ao plano da fantasia, junto aos sonhos e às associações livres, a interpretação psicanalítica tem considerado o conteúdo dos desenhos de forma semelhante à do conteúdo manifesto dos sonhos.

Posteriormente, os participantes trouxeram fotos escolhidas livremente por eles, referentes ao tema família e foram então organizadas, individualmente, linhas do tempo das fotos e observadas as escolhas, épocas, pessoas, etc.

G. trouxe várias fotos (figura 2) e percebeu-se que, em sua maioria, eram fotos da “família reunida/unida”. Selecionou e dispôs das fotos em ordem cronológica, iniciando pela foto do pai ainda criança, já inserido num conjunto familiar.

Na história familiar de G, há um recorte importante sobre sua mãe. Ainda que se diga muito identificada com o pai no amor pela fotografia e máquinas de fotografar, há a triste história da mãe que lhe afeta desde a adolescência, quando o pai cria uma outra nova família separando-se da mãe.



Figura 2 – Fotos Trazidas por G

Fonte: arquivo pessoal.

G. assistiu a um profundo sofrimento e inconformismo da mãe que demonstrou não suportar a perda desse homem (pai de G.). Restou-lhe a dor, e ainda que tivesse cinco filhos em casa, anunciou ao marido o desejo de morrer. Pouco tempo depois, a mãe de G. teve problemas cardíacos e veio, de fato, a falecer.

A causa morte da mãe explicará, posteriormente, as primeiras expressões de G. nessa oficina fototerapêutica, através da imagem peculiar apresentada em seu autorretrato (o gráfico).

Nas fotos escolhidas por G., embora não intencionalmente, foi possível assistir à trajetória sofrida de vida de sua mãe até a morte – seu envelhecimento acelerado pelas doenças (vitiligo, depressão, etc.); para a mãe, “a família unida e completa” era seu único e maior bem.

Dando sequência aos trabalhos arteterapêuticos, foi proposta a construção de uma caixa de memórias pessoal – “guarda-memórias” ou “arquivo” a partir da técnica colagem livre, adquirindo a função de “arquivo pessoal” da história familiar de cada participante, com base em algumas conceitualizações de Derrida (1995, *apud* BIRMAN, 2009), em seu livro *Mal de Arquivo*:

Nada seria mais enganoso, até mesmo ilusório e ingênuo, do que acreditar que o arquivo seria constituído por uma massa documental fixa e congelada, tendo no registro do passado a sua única referência temporal, sem que os registros do presente e do futuro estejam efetivamente operantes no processo de arquivamento. Esse engano e essa ilusão querem fazer crer que o arquivo seja constituído por documentos patentes, isto é, tudo aquilo que de fato ocorreu de importante no passado estaria efetivamente arquivado sem rasuras e sem lacunas, ou seja, sem que estivesse em pauta qualquer esquecimento.

A partir da perspectiva do arquivo como registros associados a uma temporalidade que “guarda/mantém” o que deveria ser “esquecido”, podemos pensá-lo como algo que trata as fotografias familiares como se fossem um passado esquecido, potencialmente vivo e presente.

As falas que permearam a dinâmica intermitente da confecção das caixas (figura 3) foram, durante todos os encontros, muito ricas, emotivas e carregadas de afetos, além de permitirem o aparecimento de novas percepções sobre aquelas fotos, pessoas ou fatos. Trata-se de um arquivo esquecido que volta a ser operante.

G. trouxe uma referência de família sempre muito presente em sua vida referia – se à “família toda, completa” (sic.), ainda que todos os casais já fossem separados e com novas famílias adquiridas. Em relação ao pai, mostrou-se bastante identificada reforçando sempre o elo entre eles via fotografia.

Propôs-se então o trabalho geracional, utilizando-se de modelos de genogramas, onde cada participante elegeu 3 gerações para criar seu genograma individual, focando as características/adjetivos/defeitos de cada familiar retratado nas fotos. Para os familiares “ausentes” em fotos, foi aberta a possibilidade de serem retratados por imagens desenhadas ou palavras.

Embora muitas falas tenham sido expressas e apontadas durante a confecção do genograma (figura 4), havia uma demanda dos três participantes de

que pudessem falar individualmente sobre sua estrutura familiar no encontro seguinte. Havia muito ainda a ser dito.



Figura 3 – Construção do genograma

Fonte: arquivo pessoal

Sentimentos a partir de lembranças, ora confortáveis, ora não, foram surgindo. Também surgiram projeções e percepções de repetições sintomáticas.

Foi pontuado, em relação às falas de cada um, que claramente uma determinada figura familiar aparecia repetidamente, desde a primeira sessão. G. ainda acreditava que sua figura central fosse o pai e se surpreendeu ao reconhecer a mãe como figura mais presente.

Várias folhas secas foram apresentadas (aproveitando o outono) e serviram de estímulo para falarmos da passagem do tempo, dos movimentos da vida, da morte e de todos os ciclos que assistimos na natureza.

Por último, a atividade seria a confecção de uma mandala com folhas e sementes, numa alusão ao movimento da vida. No centro da mandala, a foto do familiar que havia sido mais recorrente nas escolhas das fotografias e na fala.

Para Chiesa (2012: 25), a mandala pressupõe um centro (a essência) e o círculo (manifestação dessa essência). Podemos dizer ainda que as mandalas, além de uma possível ligação entre o homem e o cosmo (originalmente vinda do sânscrito, o termo significa “círculo, universo” e/ou “completude”), podem também se apresentar como tentativas de reorganização psíquica, em estudos baseados nos desenhos de psicóticos. No budismo, por exemplo, o ritual de oferecer

mandalas é um processo extremamente complexo, repleto de ritos e significados, que traduz um ato de abnegação, gratidão e reconhecimento.

Durante a atividade da mandala, G. comenta sobre o casamento próximo da filha e o reencontro com o ex-marido. Reflete sobre as mágoas antigas advindas da separação, traição, etc. G não acredita que seja possível qualquer convivência entre ambos. O que se repete? O que não cessa de tentar se inscrever – parafraseando Lacan na teoria do retorno daquilo que, não sendo simbolizável, retorna insistentemente no real: o trauma e uma possível identificação com a mãe.



Figura 4 – Mandala com a foto do familiar

Fonte: arquivo pessoal.

O último encontro do grupo se deu após o casamento da filha de G.: escolheram a maneira que gostariam de devolvê-las (mandalas e parente) à natureza: fogo, terra, água ou ar. Na caixa de arquivos/memórias foram recolocadas as fotos de todo processo fototerapêutico, em diferentes envelopes, em novas e ressignificadas sequências, arquivando-as conforme as percepções e (des)valorizações atuais. Cada envelope recebeu títulos pessoais para o arquivamento.

Para G., que imaginava ter como referência o pai, foi possível se perceber com semelhanças à própria mãe, bem como reconhecer semelhanças

entre sua filha e ela própria. Daqui será retomado o autorretrato inicial de G, seu “gráfico”. Nas buscas de algum teórico que pudesse ampliar interpretações para esse perfil de desenho expressivo, surgiram diversos gráficos que pouco lembravam o desenho de G. Foi então que se revelou, através de novas pesquisas, um “outro gráfico”: as imagens de eletrocardiogramas.

Nada mais sensível e simbólico do que um autorretrato que imprimia a G. a marca da tristeza, da dor e da morte da mãe. Modificando a própria história que tendia a se repetir como a de sua mãe, nos revela algo que se mostra absolutamente transformador nessa repetição de padrões: um modelo oposto, que a levaria para outro lugar subjetivo. G. conta que pediu para reencontrar o ex-marido, o “perdoou” e o convidou a levar a nova família para o casamento da filha de ambos, modificando sua posição anterior relacionada a repetição da história da mãe.

Ela escolheu a vida, diferentemente da mãe. Em termos pulsionais, a luta entre Eros e Tânatos, ou seja, a pulsão de vida se sobrepõe à pulsão de morte. Ainda rumo a novas escolhas, ela conta que tomou outra decisão: investir na profissão que sempre desejou: a fotografia. Desejo do qual se sentia impedida de levar adiante, até o presente momento.

Ao final desse trabalho, as caixas-arquivo puderam ser a via expressiva de tantas histórias e memórias, de tantos (des)arranjos e dos novos arranjos subjetivos. A divisão dos envelopes, as novas nomeações, os critérios das divisões etc, foram o resultado – com seus efeitos – promovidos pelas sessões anteriores.

A experiência de G. é um exemplo claro das possibilidades de avanços subjetivos, no trabalho com as fotos do álbum de família, mudando, inclusive,

todo um sistema fantasmático familiar. “Seja o que ela dê a ver e qualquer que seja a maneira, uma foto é sempre invisível: não é ela que vemos” (BARTHES, 1984:16).

Considerações finais

Quem somos senão efeito de nossa história? O trabalho envolvendo foto e memória, embora não tão recente, se abre como uma nova proposta arteterapêutica por apresentar uma outra possibilidade de compreensão e saídas para o sofrimento.

As imagens fotográficas podem ser tratadas como imagens oníricas e, portanto, seus efeitos nas sessões de arteterapia poderiam ser os mesmos da proposta nos settings psicanalíticos: imagens verbalizadas em que o desconhecido (inconsciente) emerge.

Freud (1990d) lamentou não ter explorado melhor a característica do inconsciente na *teoria do recalque originário* e, conseqüentemente, na clínica, dentro das premissas analíticas que nos mostram esse processo como um movimento arqueológico da memória:

Só podem ser reconhecidos como pertencentes ao passado, só podem perder sua importância e ser destituídos de sua catexia de energia, quando tornados conscientes pelo trabalho da análise, e é nisto que, em grande parte, se baseia o efeito terapêutico do tratamento analítico. (Freud, 1990d, p.95).

Judy Weiser (1999) desenvolveu, durante anos, métodos de trabalho a partir de suas pesquisas e experiências, conceituando a Fototerapia como uma abordagem real e profundamente clínica. Sua amplitude é verificável pois as fotos podem ser utilizadas de formas variadas: como instrumento mediador ou projetivo,

entre paciente e terapeuta, entre imagem e palavra, entre inconsciente e consciente.

Na experiência com fototerapia, memória e família foram não só os temas centrais, mas propiciaram uma mudança real, como no exemplo de G. Ao entrar em contato com seu passado por meio das fotos, ela pôde elaborar imagens/traumas inconscientes e escolher uma outra forma de saída para seu destino. Essa mudança de posição subjetiva foi colocada em ato a partir de seu encontro com o ex-marido, às vésperas do casamento da filha, mudando possivelmente os destinos femininos familiares.

A partir desse artigo, espera-se que o arteterapeuta possa vislumbrar a profundidade dos trabalhos realizados com fotografias:

(...) não olhe para as fotografias da mesma forma que fazia antes. Mas que você as use como um meio para olhar mais profundamente dentro de si mesmo e a capacidade de comunicar seus sentimentos. E você vai encontrar nelas a explicação da singularidade que vem de suas raízes. Mas eu tenho que avisá-lo: uma vez iniciada é uma viagem sem fim, pois a viagem em si torna-se o fim (WEISER, 1999, p. 348).

No mundo das imagens fixas, somente quando a verdade do sujeito pode ser questionada e revisitada por ele mesmo, é que essas mesmas imagens podem adquirir um promissor caráter de impermanência e flexibilidade, transformando muitos dos sofrimentos psíquicos e padrões rigorosos desconhecidos pela consciência, em novos movimentos. E esse caminho é capaz de transformar, positivamente, os destinos, para que uma certa dose de felicidade seja possível

Data de recebimento: 22.02.2020
Data de aceite 1º parecerista: 15.09.2020
Data de aceite 2º parecerista: 23.11.2020

Referências

BARTHES, R. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3ª EDIÇÃO, 1984. BENJAMIN, M. W. – **Passagens** - 2009, Ed UFMG.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CHIESA, R F. **Mandalas – Construindo caminhos: um processo arteterapêutico**, São Paulo: Wak, 2012

DERRIDA, J. **MAL DE ARQUIVO. UMA IMPRESSÃO FREUDIANA**. Rio de Janeiro: Relume, 2001.

DIAMOND, H. W. I. On the application of photography to the physiognomic and mental phenomena of insanity. **Proceedings of the Royal Society of London**, v. 8, p. 117- 117, 1857.

FREUD, S. O Inconsciente. In: **Obras Completas**. 3ª ed., v. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1990a.

_____ A Interpretação dos Sonhos. In: **Obras Completas**. 3ª ed., v. V. Rio de Janeiro: Imago, 1990b.

_____ A Interpretação dos Sonhos. In: **Obras Completas**. 3ª ed., v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1990c.

_____ Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: **Obras Completas**. 3ª ed., v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1990d.

LACAN, J. **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____ **O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada**. In: Lacan, J. **Escritos**. (1945) Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LEITE, M. P. S. **Psicanálise lacaniana: Cinco seminários para analistas kleinianos**. São Paulo: Iluminuras, 2010.

LERA, D. V. **El Camino de La Fotologia**. Barcelona: David Vinuales, 2016.

MARTIN, R.; SPENCE, J. **Phototherapy: Psychic realism as a healing art?** 1988 (artigo na revista Ten.8, International Photography Magazine, nº 30)

VAN KOLCK, O. L. **Interpretação Psicológica de Desenhos**. São Paulo: EDUSP, 1967.

PAÍN, S; JARREAU, G. **Teoria e técnica da arteterapia**: a compreensão do sujeito. Porto Alegre: Artes Médicas, 2009.

WEISER, J. **Phototherapy Techniques**. Vancouver: Canadian Cataloguing,

Site **Kaviah**. Disponível em:

<https://kaviah.com/mandala-simbolo-de-cura-e-integracao>. Acesso em: 10 jan. 2019.